

DESTRUIÇÃO E REIFICAÇÃO: POR QUE AS PESSOAS NÃO SE IMPORTAM COM A CRISE ECOLÓGICA PLANETÁRIA?

DESTRUCTION AND REIFICATION: WHY DON'T PEOPLE CARE ABOUT THE PLANETARY ECOLOGICAL CRISIS?

Oduvaldo Cavalheiro Faro Junior
Doutorando em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco, em
cotutela com a Universidade de Milão-Bicocca (PDSE-CAPES)
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5183-4473>
E-mail: oduvaldofaro@gmail.com

Luciane Pinho de Almeida
Professora doutora na Universidade Católica Dom Bosco
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7003-9264>
E-mail: luciane@ucdb.br

RESUMO

As tragédias ambientais têm ocupado muitas manchetes nas mídias de massa e trazido mortes e mudanças significativas na vida de muitas de suas vítimas. Trata-se de um assunto que, portanto, tem se tornado comum e do conhecimento de todos. Não é, porém, uma problemática nova: há muito tempo cientistas vêm alertando a humanidade sobre os perigos de se destruir a natureza e, o que é ainda pior, de destruí-la no ritmo que se tem feito. Em que pese a gravidade objetiva dessa situação, a maioria das pessoas não parece se importar com a pauta ambiental. Nosso objetivo nessas linhas é oferecer uma possível explicação para o fenômeno em tela. Argumentamos que a categoria da reificação da consciência, tal como exposta por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe*, possa contribuir para o entendimento dos motivos que levam a maioria das pessoas a uma postura apática diante dessa grave problemática.

PALAVRAS-CHAVE: Reificação da consciência. Questão ambiental. Tragédias climáticas.

ABSTRACT

Environmental tragedies have grabbed many headlines in mass media and brought deaths and significant changes to the lives of many of their victims. This is a subject that, therefore, has become common and known to everyone. It is not, however, a new problem: scientists have long been warning humanity about the dangers of destroying nature and, what is even worse, of destroying it at the rate we have been doing. Despite the objective seriousness of this situation, most people do not seem to care about the environmental issue. Our objective in these lines is to offer a possible explanation for the phenomenon in question. We argue that the category of reification of consciousness, as exposed by Georg Lukács in *History and Class Consciousness*, can contribute to our understanding of the reasons that lead most people to an apathetic stance in the face of this serious problem.

KEYWORDS: Reification of consciousness. Environmental issues. Climate tragedies.

INTRODUÇÃO

A humanidade sela o destino de todos os seus indivíduos. Todas as comunidades, mais ou menos diferenciadas, dependem organicamente da conjuntura total da história. Nesse sentido,

nenhuma comunidade encontra-se atomizada, isolada de todas as demais. Esta afirmação é ainda mais verdadeira e explicitada após o surgimento histórico do mercado mundial e da globalização.

Por que muitas pessoas não se dão conta de que as suas vidas individuais são condicionadas pela situação geral da humanidade? Um assunto em que isso se manifesta de forma decisiva e preocupante são as transformações climáticas. Dia após dia, tanto a ciência quanto o próprio cotidiano — e o cotidiano deveria possuir argumentos convincentes para todos — dão prova de uma situação grave e que se agrava a cada dia. A própria sobrevivência da humanidade encontra-se em risco.

O que fazem as pessoas? Cada uma dá curso a sua própria vida. Há o reinado da particularidade. A maioria não consegue desenvolver uma visão do conjunto e do quanto esse mesmo conjunto condiciona as suas vidas particulares.

Por quê? Nosso objetivo nessas breves linhas é oferecer uma possível explicação para o fenômeno em tela. Entendemos que a reificação da consciência, tal como exposta por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe*, possa contribuir para nosso entendimento dos motivos que levam a maioria das pessoas a uma postura apática e desinteressada diante de uma grave e universal problemática.

SOBRE A DESTRUIÇÃO DO MUNDO

A humanidade tem transformado a natureza de forma nunca antes vista. Com o amadurecer do capitalismo, as forças que o ser humano possui sobre a natureza, para dominá-la, chegam a um apogeu anteriormente inimaginável. Alguns denominam a atual época geológica como *antropoceno*, ou seja, o período no qual o homem é o principal causador das transformações da natureza. Artaxo (2014, p. 15) sintetiza da seguinte forma:

A dominação dessa espécie humana está sendo de tal modo importante que está influenciando alguns componentes críticos do funcionamento básico do sistema terrestre. Entre eles, o clima e a composição da atmosfera. Apesar de sermos uma única espécie entre os estimados 10 a 14 milhões de espécies atuais, e de estarmos habitando a Terra muito recentemente, nos últimos séculos estamos alterando profundamente a face de nosso planeta (Artaxo, 2014, p. 15).

Artaxo (2014, p. 17) argumenta que as transformações possuem um caráter negativo, de progressiva destruição da possibilidade da existência humana no planeta, transformações essas associadas a nove fatores que ele analisa de forma pormenorizada em seu artigo.

Os nove fatores são: 1) mudanças climáticas; 2) perda de ozônio estratosférico; 3) acidificação dos oceanos; 4) ciclos biogeoquímicos de nitrogênio e fósforo; 5) mudanças na integridade da biosfera associadas à perda de biodiversidade; 6) mudanças no uso do solo; 7) uso de recursos hídricos; 8) carga de partículas de aerossóis na atmosfera; 9) introdução de entidades novas e poluição química.

Outro autor que analisa a problemática, mas a nosso ver de forma mais consequente, pois associa explicitamente tal destruição ao próprio sistema capitalista, é o economista L. Dowbor. Ele (2017, p. 20) também se incomoda com a indiferença diante da catástrofe:

A verdade é que as ameaças sistêmicas e de longo prazo, ainda que cientificamente comprovadas, ocupam pouco espaço na nossa consciência e nos embates cotidianos. E são ameaças claramente críticas. Hoje temos estatísticas impressionantemente precisas envolvendo a sobrepesca oceânica, a destruição das florestas, a contaminação e sobre-exploração dos recursos hídricos e semelhantes nos mais diversos setores de atividade.

Ainda que Dowbor veja as causas da crise ambiental no capitalismo, ele acredita que o sistema pode sofrer uma regulação político-estatal e, assim, minimizar a um nível aceitável esses danos ecológicos. Partimos, entretanto, de outra perspectiva, que não vê tal possibilidade no interior do capitalismo¹. Foster (2012) sintetiza bem a tradição que, de Marx até Schnaiberg, situa as crises ecológicas na estrutura essencial, inevitável e incontrolável do próprio sistema capitalista.

Atualmente, e visando justamente a causa capitalista das transformações climáticas, alguns autores têm proposto o termo *capitaloceno* ao invés do mais antigo antropoceno (Moore, 2014). Esta mudança terminológica sublinha que a responsabilidade não deve recair numa humanidade abstrata (no antropos), mas sim num determinado modo de produção que engendra determinadas relações com a natureza.

O caráter catastrófico da questão se multiplica se considerarmos a seguinte situação, situação essa realmente possível de vir a acontecer: a humanidade só tomará as medidas necessárias em relação ao ambiente quando já estiver tarde demais, quando a conjuntura desencadeada não for mais reversível. Esta situação verdadeiramente fáustica tem sido chamada de *Paradoxo Giddens*, por ter sido adiantada pelo sociólogo britânico Anthony Giddens (Martins, 2011).

As transformações climáticas não são assunto apenas de livros e artigos acadêmicos. Até mesmo a grande mídia noticia essas mudanças. E, simultaneamente, o maior testemunho é dado pela própria cotidianidade. Para nos ater em exemplos ocorridos no Brasil, podemos mencionar: queimadas que destruíram parte significativa da fauna e da flora², enchentes que desafiaram estados inteiros³, clima seco e extremamente quente, comparado, até pelos maiores meios de comunicação, ao *clima de deserto*⁴.

¹ Giddens, citado adiante neste trabalho, também acredita que *políticas verdes* possam, no interior do capitalismo, manejar suficientemente bem os problemas climáticos. É uma posição conservadora e confortável, ainda mais confortável quando se é consultor climático do governo do Reino Unido.

² Ver o estudo do Map Biomas Brasil, intitulado: “Área queimada no Brasil entre janeiro e setembro foi 150% maior que no ano passado”, referenciado ao final deste artigo.

³ Lembremo-nos das chuvas e inundações diluvianas ocorridas no ano de 2024 no estado de Rio Grande do Sul.

⁴ Veja, por exemplo, a reportagem que traz em seu título: “Clima de deserto: umidade relativa do ar fica abaixo de 12% em partes do país”, da CNN Brasil. Reportagem referenciada ao final deste trabalho.

As transformações são evidentes no presente. Para o futuro, se nada de concreto for feito pela humanidade, as perspectivas são ainda piores. Conforme se diz numa manchete eletrônica⁵: “Áreas do Brasil podem ficar inabitáveis em 50 anos, segundo estudo da Nasa”. Este é apenas um exemplo. Vemos que as transformações e suas perspectivas para o futuro são conhecidas e divulgadas inclusive nos meios de comunicação em massa. A ignorância e o desconhecimento não podem ser utilizados como justificativa para a apatia diante dessas transformações.

SOBRE A DESTRUIÇÃO E A REIFICAÇÃO DO MUNDO

O nosso questionamento pode ser resumido da seguinte forma: por que as pessoas, ou a maior parte delas, simplesmente não se importam? Continuam a viver as suas vidas como se nada estivesse acontecendo, como se não houvesse uma ameaça de suicídio por parte da humanidade?

Poderíamos pensar em algumas causas para essa espantosa *belle indifference*⁶. O individualismo que não permite as pessoas pensarem as questões comuns; a falta de uma educação pública, universal e verdadeiramente crítica; as tantas falsas informações, que correm rapidamente pelas redes sociais, as quais acabam por distorcer a urgência do problema; o papel conservador das igrejas e das religiões...; são motivos que, conjuntamente com outros, poderiam ser mencionados.

Nesta ocasião, propomos uma categoria de análise que nos parece importante. Importante também na medida em que pode ser correlacionada, direta ou indiretamente, com todas as possíveis causas anteriormente citadas. Fazemos referência ao conceito de estrutura reificada da consciência, tal como desenvolvido por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe*.

Antes de mais nada, faz-se necessário esclarecer a etimologia da palavra *reificação*. O prefixo *res*, implícito em reificação, significa *coisa* em latim. *Res* também está presente em República (coisa pública) e, de igual modo, aparece outras vezes ao longo da história da filosofia, quando, por exemplo, René Descartes distinguiu a *res cogitans* (coisa pensante) da *res extensa* (coisa extensa, material). Pois é este o significado da palavra reificação, a saber: coisificação, a transformação em coisa.

No clássico livro mencionado acima, Lukács (2003) desenvolve as suas reflexões sobre a reificação da consciência e, portanto, a formação de uma consciência mais ou menos própria ao capitalismo. É este conceito de reificação que exercerá bastante influência no cenário filosófico do século XX, cujo raio de influência abarca marxistas e não marxistas, desde Heidegger até Adorno, passando por tantos outros (Netto; 2023).

O que é reificação para Lukács e no que a sua analítica se diferencia da de Marx? Desde já podemos adiantar que a reificação de Lukács não se centra nos aspectos econômicos, como em Marx.

⁵ Outra reportagem da CNN Brasil, também referenciada ao final deste artigo.

⁶ Distúrbio psiquiátrico, estudado por Charcot e Freud, que consiste na indiferença que alguns pacientes histéricos tinham em relação aos próprios sintomas, bastante graves e mórbidos para observadores externos.

Lukács se apropria dos estudos econômicos de Marx sobre a reificação, mas se utiliza do conceito sobretudo no âmbito filosófico-social. Se a reificação em Marx é tratada primariamente na economia, Lukács a extrapola para um número bem grande de temas não-econômicos. Como diz Lukács (2003, p. 194, grifo do autor):

Não pertence ao âmbito deste estudo analisar o quanto essa problemática tornou-se central para a própria economia e quais consequências o abandono desse ponto de partida metódico trouxe para as concepções econômicas do marxismo vulgar. Nosso objetivo é somente chamar a atenção — *pressupondo* as análises econômicas de Marx — para aqueles problemas fundamentais que resultam do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade, de um lado, e do comportamento do sujeito submetido a ela, de outro.

A reificação, portanto, é um tipo específico de alienação que somente pode ocorrer em uma sociedade na qual o intercâmbio de mercadorias já se encontra generalizado. A relação mercantil molda as características da reificação. Por outro lado, a reificação não é somente uma "forma de objetividade", mas também se manifesta como "comportamento do sujeito". É justamente esta dimensão subjetiva do problema que nos interessa, neste momento.

De maneira bastante resumida, correndo o risco de simplificações, podemos dizer que a reificação da consciência — a estrutura reificada da consciência — possui as seguintes características gerais⁷: estranhamento, exterioridade, anistorismo, imediatismo, fragmentação e autonomização.

- a) Estranhamento. A atividade do homem, e o resultado de sua atividade, tornam-se estranhos para ele mesmo. Um aspecto, portanto, é o estranhamento, é o não reconhecimento. Dirá Lukács (p. 205): "a personalidade torna-se o espectador impotente de tudo o que ocorre com sua própria existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho".
- b) Exterioridade. A realidade ganha um caráter de exterioridade fechada e absoluta, os indivíduos não se veem como capazes de alterar o sistema externo a eles. Muitas vezes, nem mesmo a possibilidade de mudança lhes ocorre. A realidade passa a ser vista a partir de leis imutáveis e autônomas em relação a sua atitude — "o caráter *contemplativo* da atitude capitalista do sujeito" (p. 218, grifos do autor). Os poderes sociais são vistos como poderes fantasmagóricos, existentes *per se*, incompreendidos. Os processos sociais escapam ao controle dos homens e domina-os. Isto implica também conter uma visão de mundo determinista, fatalista; o que existe, existe por destino. As coisas são o que são por necessidade férrea. Tudo se passa como se a realidade não dependesse dos homens (p. 383, 384).

⁷ Estamos dando prioridade para as características que, a nosso ver, possuem maior capacidade de vinculação com o nosso tema: a apatia diante das transformações climáticas.

- c) Anistorismo. Não conceber a realidade social como uma construção histórica; conceber a realidade como uma "segunda natureza"; dessa forma, naturalizar o social; enxergar relações entre pessoas unicamente como relações entre coisas.
- d) Imediatismo. Prisão ao empírico, ao imediato, ao singular, às aparências. Falta da capacidade de enxergar as mediações por detrás dos acontecimentos imediatos. Hiperdimensionamento da influência ideológica da vida cotidiana imediata.
- e) Fragmentação. Entender os fenômenos isolados, como forças independentes entre si, sem uma noção de totalidade/unidade social; portanto, visão fragmentada. A fragmentação envolve também a relação dos indivíduos entre si, impedindo que surja, para a consciência, as classes sociais e os seus interesses de classe. De modo assemelhado, o indivíduo percebe-se isolado do mundo e dos outros (p. 208), encontra-se com a visão "robinsonada".
- f) Autonomização. A fragmentação, de igual modo, causa a aparência de autonomização dos sistemas parciais da realidade social. Esta falsa autonomia leva ao não reconhecimento da "dependência da estrutura econômica" (p. 425) que todos os fenômenos possuem; também acarreta na cisão entre os planos econômico, político e cultural (p. 185) e suas respectivas opressões e possibilidades de resistência.

Esta breve esquematização da categoria, tal como abordada em *História e Consciência de Classe*, e segundo nosso entendimento, apresenta uma riqueza significativa para explicar a conjuntura atual. Se os homens são apáticos em relação às crises ambientais, isto provavelmente tem a ver com um tipo específico de consciência, construída e reproduzida pelo capitalismo, consciência e atitude que todos os indivíduos passam a possuir após terem nascido e terem sido criados dentro deste sistema.

Desse modo, as tragédias ambientais e as crises climáticas passam a ser estranhadas, não reconhecidas como produto da atividade humana; são compreendidas como fechadas em si mesmas e exteriores à atitude do homem; ganham o caráter subjetivo de destino e de determinação externa; e, até mesmo as pessoas que vivem, na prática e imediatamente, as catástrofes, elas isolam o acontecimento, não conseguem situá-lo numa conjuntura social que o determina (a totalidade social capitalista); ficam presas, portanto, às aparências do acontecimento, sem a capacidade de totalizá-lo.

Estas ideias possuem, sobretudo, três implicações.

Primeiro, e talvez esse seja o ponto principal deste artigo, *a indiferença diante da crise ambiental é produzida pelo capitalismo*. É produzida por essa consciência capitalística, analisada por Lukács. As outras possíveis causas arroladas anteriormente — individualismo, problemas na educação, falsas informações, crenças religiosas — todas podem ser vistas como determinadas ou co-determinadas pela reificação, visto que a reificação é um fenômeno universal do sistema capitalista.

O mesmo capitalismo que produz a destruição objetiva da natureza, de igual modo, produz também uma subjetividade que consente com tal destruição; uma subjetividade que, seguindo os padrões gerais da reificação, torna a destruição invisível. A destruição evidente é socialmente tornada inconsciente. O resultado, na prática, é o consentimento da maioria. Esta inconsciência é socialmente necessária, pois se articula com as estruturas de poder dominantes.

Não deixa de ser espantoso o fato de que temos tantas informações, provenientes de todos os lados, e muitas experiências cotidianas e, ainda assim, tais crises climáticas serem invisibilizadas. Trata-se do *evidente invisível*. Este fenômeno bastante peculiar requer esforços de explicação por parte dos pesquisadores e intelectuais.

Giddens (2009), por exemplo, acreditava que as transformações climáticas ainda não eram palpáveis, ainda não se mostravam diretamente para as pessoas. Nossa avaliação é que, dia após dia, esta tese não possa ser mais defendida como explicação da apatia. Raizer (2011; p. 365, 366), comentando a posição de Giddens, afirma que:

Para Giddens, na concepção da maioria das pessoas, existe um abismo entre as preocupações e rotinas familiares/cotidianas, e seu impacto num abstrato e sombrio futuro de caos climático para o qual diversos estudos apontam. Mesmo com o conhecimento já existente sobre as consequências da mudança climática, individuais e coletivas, a humanidade como coletividade está apenas começando a tomar as medidas necessárias para responder de forma adequada às novas demandas em termos do desenvolvimento de novos hábitos, políticas e práticas.

Estamos de acordo sobre a existência de um *abismo* entre a percepção/atitude das pessoas e a realidade objetivamente existente. A ressalva a ser feita é que, da data da publicação original de Giddens (2009) até o presente momento, o caos climático deixou de ser uma abstração distante e não cotidiana. Por outro lado, discordamos inteiramente da afirmação de que a humanidade já tenha começado a tomar as "medidas necessárias" para equacionar o assunto.

Diante desta notável *indifference*, alguns cientistas e divulgadores de ciência desejam que a população se torne consciente — a conscientização ou sensibilização — da questão ambiental. A partir da identificação da importância da estrutura reificada da consciência, podemos afirmar que a tão necessária conscientização somente se dará com a crítica e, no limite, com a ultrapassagem do sistema do capital.

A segunda implicação é que, se o sistema vigente produz a apatia e o agravamento dos problemas ecológicos, outro sistema pode produzir outro tipo de atitude e de mentalidade. Um sistema socialista, no qual as pessoas possuem o máximo de consciência possível e no qual elas mesmas tomam as decisões conscientemente, certamente produzirá um outro posicionamento do homem perante a natureza.

O terceiro corolário é o seguinte. Se o capitalismo destrói a natureza e se ele próprio produz o nosso consentimento em favor dessa destruição, produz uma espécie de desejo de destruição, qual seria o sentido de acreditarmos em um "capitalismo verde" feito de "políticas verdes"? Que sentido faria a crença em um mitológico e até hoje inexistente capitalismo sustentável? Primeiro ultrapassar o capitalismo, depois salvar a natureza. Este é um nexos perdido por muitos que estudam as transformações climáticas fora do âmbito da crítica da economia política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não são simples os desafios que cercam a humanidade. A catástrofe ambiental é ladeada por outros graves problemas sociais, tais como a crescente desigualdade social e as constantes e cotidianas ameaças de guerras nucleares⁸.

Segundo Lessa (2016; p. 143) todos estamos situados em um dos "momentos contrarrevolucionários mais longos e profundos da história. Nunca, como hoje, a humanidade passou por tantas décadas sem uma crise revolucionária digna do nome". Como explicar tanta apatia diante de problemas sociais tão candentes? A consciência dos homens deve ter um papel fundamental nessa histórica resignação.

A nossa tentativa, neste breve texto, foi a de colocar a reificação da consciência no debate, apontando nela uma categoria explicativa tanto da apatia quanto, por consequência, da reprodução permanente e ampliada da crise ambiental. Uma reorientação das atitudes que visa enfrentar a crise deve passar, necessariamente, pela consciência dos sujeitos.

Entendemos que a reificação da consciência seja uma categoria importante e que ainda falta ser considerada, e considerada com a devida atenção, nos estudos marxistas sobre a questão ambiental. A nosso ver, trata-se de um *missing link* que, ao não ser tratado nos meios acadêmicos e nos estudos ambientais, deixa de propiciar o levantamento de perguntas relevantes e de propor as soluções devidas. Falta marxismo nos estudos ecológicos, e, ainda mais, falta a reificação da consciência nos estudos que são simultaneamente ecológicos e marxistas.

Lukács sempre combateu o marxismo vulgar — embasado em um materialismo igualmente vulgar — que via na subjetividade apenas um epifenômeno da realidade externa, sem importância decisiva para o devir da história. Os processos da consciência devem ser estudados de forma materialista, histórica e dialética. Somente assim o marxismo poderá contribuir para o resgate da natureza e para a solução de outros problemas que a humanidade enfrentará no século XXI.

⁸ Crises sociais advindas da miséria socialmente produzida, guerras nucleares e a crise ecológica são os grandes desafios que degradam e ameaçam a própria sobrevivência humana, no presente e no futuro próximo. Estes três problemas fundamentais são elencados e comumente tratados juntos por Mészáros (2021), e também em outros livros do autor.

Albert Camus (2019), numa passagem muito conhecida, afirma que o suicídio é a única questão filosófica verdadeiramente relevante. Para o autor, a posição do indivíduo que avalia se a vida vale a pena ou não é a atividade filosófica *par excellence*. Hoje em dia sabemos da possibilidade da crise ecológica vir a ser o suicídio coletivo da humanidade. Retirada a ênfase no indivíduo de Camus e colocado o problema ecológico que ameaça fatalmente toda a humanidade, não seria esse problema a questão filosófica do presente?

REFERÊNCIAS

- ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 103, p. 13–24, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/99279> . Acesso em: 21 nov. 2024.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Grupo Editorial Record. Rio de Janeiro, 2019.
- CNN BRASIL. Clima de deserto: umidade relativa do ar fica abaixo de 12% em partes do país, tempo seco tem sido motivo de diversos alertas de emergência do Inmet. Publicado em 20/08/2024 às 12:33. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/clima-de-deserto-umidade-relativa-do-ar-fica-abaixo-de-12-em-partes-do-pais/>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- _____. Áreas do Brasil podem ficar inabitáveis em 50 anos, segundo estudo da Nasa: aumento das temperaturas e da umidade podem tornar regiões do país inabitáveis. Publicado em 23/07/2024 às 11:51. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/areas-do-brasil-podem-ficar-inabitaveis-em-50-anos-segundo-estudo-da-nasa/>. Acesso em: 23/04/2025.
- DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo: Nova arquitetura do poder-dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- FOSTER, John Bellamy. A ecologia da economia política marxista. *Lutas sociais*, n. 28, p. 87-104, 2012.
- GIDDENS, Anthony. *The Politics of Climate Change*. Polity Press. Cambridge, 2009. 256p.
- LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. Coletivo Veredas, 4. ed. Maceió, 2016.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução: Rodnei Nascimento. Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- MAP BIOMAS BRASIL. Área queimada no Brasil entre janeiro e setembro foi 150% maior que no ano passado. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/10/11/area-queimada-no-brasil-entre-janeiro-e-setembro-foi-150-maior-que-no-ano-passado/>. Acesso em: 22 nov.2024.
- MARTINS, Rodrigo Constante. O paradoxo de Giddens. *Revista Contemporânea*, n. 1 p. 237-243, Jan.–Jun. 2011.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do Leviatã: crítica do Estado*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2021.
- MOORE, Jason W. The Capitalocene. Part I: On the Nature & Origins of Our Ecological Crisis. *The Journal of Peasant Studies*. Vol. 44. 2014.
- NETTO, José Paulo (org.). *História e consciência de classe: cem anos depois*. Editora Boitempo. São Paulo, 2023.
- RAIZER, Leandro. Anthony Giddens e as políticas da mudança climática. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, ano 13, n. 26, p. 364-369, jan./abr. 2011.